

ARTIGOS VARIA

Michel Foucault e a ambiência fenomenológica francesa: advento de suas primeiras impulsões filosóficas

Michel Foucault and the French phenomenological ambience:
advent of his first philosophical impulses

José Olinda Braga

<https://orcid.org/0000-0001-8569-5232> - E-mail: olinda@ufc.br

RESUMO

Os primeiros escritos do jovem Foucault foram impulsionados pela profícua corrente fenomenológica que embalava novos adventos à filosofia francesa, constituindo o *Zeitgeist* da cultura europeia do início do século XX, de caráter husserliano-marxista, em superação às tendências freudiano-marxistas. A fenomenologia de Edmund Husserl impactou de tal modo, em particular os franceses, a ponto de ter desembocado na realização de palestras na Universidade de Sorbonne, proferidas por seu criador, em que veiculava a amostragem de suas reflexões metodológicas e suas repercussões esperadas e/ou já em curso, através de uma inflexão em que se buscava condições de possibilidade para superação da fase de meras ciências explicativas de fatos, de cunho naturalista, para que além delas, ou mesmo complementarmente a elas, se propiciasse o advento de ciências compreensivas, de maneira a dar conta dos objetos de reflexão que são da ordem do espírito, como é o caso das ciências humanas em geral, e em particular a psicologia, o que veio a se tornar a obra síntese do pensamento fenomenológico, as *Meditações cartesianas* (2024). Proferidas em 1931, Husserl ali expôs o projeto de sua vida em que busca estabelecer uma fundamentação filosófica para a ciência, baseado na análise da consciência intencional e na experiência subjetiva, numa virada transcendental que posteriormente veio a ser superada a partir da constatação da crise em que se encontravam as ciências europeias, através das reflexões relativas ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e do conceito de intersubjetividade, cuja fase de seu pensamento ficou denominada como Crise.

Palavras-chave: Foucault. Fenomenologia. Psicologia.

ABSTRACT

The young Foucault's first writings were driven by the fruitful phenomenological current that supported new developments in French philosophy, constituting the *Zeitgeist* of European culture at the beginning of the 20th century, with a Husserlian-Marxist character, overcoming Freudian-Marxist tendencies. Edmund Husserl's phenomenology had such an impact, particularly on the French, to the point of having led to lectures at the Sorbonne University, given by its creator, in which he conveyed a sample of his methodological reflections and their expected and/or repercussions. already underway, through an inflection in which conditions of possibility were sought to overcome the phase of mere sciences explaining facts, of a naturalistic character, so that in addition to them, or even in addition to them, the advent of comprehensive sciences, of in order to contemplate the objects of reflection that are of the order of the spirit, as is the case of the human sciences in general, and in particular psychology, which became the synthesis work of phenomenological thought, the *Cartesian Meditations* (2024). Delivered in 1931, Husserl exposed his life's project in which he sought to establish a philosophical foundation for science, based on the analysis of intentional consciousness and subjective experience, in a transcendental turn that was later overcome following the realization of the crisis in which European sciences met, through reflections on the world-of-life (*Lebenswelt*) and the concept of intersubjectivity, whose phase was called Crisis.

Keywords: Foucault. Phenomenology. Psychology.

Introdução

Na fase inicial de estruturação do pensamento filosófico de Michel Foucault ocorrida em meados do século XX, momento predominantemente marcado por influências da psicologia fenomenológica que se expandia em meio às reflexões voltadas para as questões do espírito em sofrimento, sua concepção relativa ao método fenomenológico de Edmund Husserl era identificada como se tratando da prática de uma elaboração compreensiva, entendida na forma de uma aglutinação dos instantes fenomenais desvelados, através da apreensão perceptiva imediata daquilo que vinha ao encontro, decorrente do primevo contato ingênuo com o mundo, no âmbito de uma pré-cognição, desembocando em movimento subsequente de penetração no vivido.

Há um certo consenso em se considerar que os elementos declarados em entrevistas de Foucault a respeito da constituição e estruturação de seu pensamento não convergem exatamente para o que de fato aparece ao longo de sua obra, sobretudo quando se trata de declarações relativas à fenomenologia e suas repercussões formativas. Ao mesmo tempo que em raras vezes se encontra referências em seus escritos à diferença ontológica, assumida enquanto núcleo fulcral da filosofia heideggeriana, ele anuncia ter sido Heidegger o filósofo que sempre lhe foi essencial, atribuindo-lhe a responsabilidade pela determinação de todo seu desenvolvimento filosófico, tal como se constata em entrevista concedida a Gilles Barbedette e André Seria (1989).

Nas declarações relativas a seus anos formativos cruciais, Foucault explicita o *Zeitgeist* em que esteve imiscuído, acentuando a passagem do que a princípio fora a centralidade de sua obra assentada na fenomenologia, para uma posterior completa rejeição da fenome-

logia. De fato, em meados do século passado a ambiência intelectual francesa vivia um momento de tensão entre os procedimentos tradicionais envolvidos no binômio Freud-Marx, para um deslocamento na direção de Husserl-Marx. Os debates acadêmicos giravam em torno desse eixo, com especial relevância nas filosofias de Sartre e Merleau-Ponty, tal como nos faz lembrar Foucault:

Não devemos esquecer que durante o período de 1945 a 1955, na França, toda a universidade francesa – a universidade jovem, em contraste com o que havia sido a universidade tradicional – estava muito preocupada com a tarefa de construir algo que não fosse freudiano-marxista, mas husserliano-marxista... (1988, p. 21).

O que de fato se assistiu relativamente a Foucault quanto a essa preocupação de seu tempo, é que tal força indutora não o atingiu, pelo menos com o peso recebido por seus contemporâneos, nem influenciou sua trajetória de modo inconteste. Mesmo que com críticas relativas sobretudo à compreensão da sexualidade, grande parte do pensamento freudiano foi amplamente aceito e repercutido em abundantes momentos de suas reflexões. O marxismo, de mesma sorte, foi objeto tanto de contendas quanto de base para desenvolvimento de algumas de suas ideias. Husserl e os existencialistas, nesse sentido, não se fizeram acompanhar na construção de sua trajetória que o conduziria à maturidade de sua filosofia.

Seguramente não se encontra presente na obra madura de Foucault, uma orientação fenomenológica, cujo método é por ele sumariamente rejeitado enquanto caminho de investigação intelectual, o que se constata reiterado nos diversos momentos de suas próprias inflexões metodológicas. Ao longo de seu desenvolvimento filosófico, concluiu que se há o objetivo de compreender a condição humana no seu quem e no seu onde, a fenomenologia passa a ser justo o caminho a não ser seguido.

Há, entretanto, que se reconhecer naquele período formativo, duas importantes produções da verve foucaultiana relativas à fenomenologia, amplamente instalado na ambiência fenomenológica-marxista, ainda que eivada por suas inquietações críticas. No entanto, mesmo que rejeitada em seu método e constituição em termos de discurso, o projeto fenomenológico permaneceu instituindo uma espécie de pano de fundo, uma pulsão inapagável para o que sobreveio aos primeiros momentos de entrada no universo filosófico. A exploração dessa perspectiva do quanto se distanciou e se aproximou Foucault do projeto fenomenológico, no entanto, ficará para projetos posteriores ao escopo deste escrito, que prima apenas por levantar os elementos que constituíram a ambiência intelectual das primeiras incursões do jovem Foucault de inequívoco viés fenomenológico.

Nos dois momentos fenomenológicos iniciais de seus escritos, o objeto de interesse do filósofo se volta para a ciência psicológica enquanto fenomenologia, e não exatamente para o método transcendental, constituindo estas, o transcendentalismo e os estudos psi, as duas vias de desenvolvimento da fenomenologia, ressaltado o fato de que à época, Foucault havia obtido diploma que o licenciou em psicologia, tendo, em consequência, desenvolvido trabalhos nesse âmbito, nos hospitais psiquiátricos, oportunidade que o levou a encontrar Ludwig Binswanger, psiquiatra inaugural dos primeiros esforços na direção do que viriam a ser a psicopatologia fenomenológica e a *Daseinsanalyse*, em diálogo com as fenomenologia de Husserl e Heidegger; a primeira como ciência voltada para as caracterizações nosológicas e a segunda na forma de abordagem de intervenção clínica a se realizar no *setting* psico-terapêutico, em prol da mitigação do sofrimento mental.

Inserido numa ambiência dominada pela fenomenologia, o primeiro caminho de Foucault naturalmente haveria de conduzi-lo à psicologia, nos dois formatos majoritários que

já se mostravam pujantes e profícuos: no transcendentalismo husserliano e nas versões existencialistas de Sartre e Merleau-Ponty, voltados para o sujeito vivencial.

Michel Foucault expressa sua mais veemente rejeição à abordagem fenomenológica, por reconhecer nela uma prioridade absoluta ao sujeito observador e por atribuir papel constituinte aos atos, o que conduzia a uma consciência transcendental, de difícil recepção, tanto quanto o fora para Sartre e Merleau-Ponty. Não se encontra com facilidade nos escritos foucaultianos, citações a Heidegger, ainda que em suas declarações apareçam afirmações tais como “Heidegger sempre foi para mim o filósofo essencial [...] todo meu desenvolvimento filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger” (1989, p. 326).

A atmosfera intelectual dos anos formativos de Foucault, ao que parece, não poderia ter sido outra senão a fenomenologia. A obra madura de Foucault, no entanto, não tem uma orientação fenomenológica explícita, e o quanto haveria implicitamente, se houver, se daria em que dimensão e profundidade? Consta sua rejeição absoluta ao método fenomenológico como método de investigação intelectual. Foucault sempre se define contra a fenomenologia ao longo da redefinição de sua própria obra em seus diferentes momentos e inflexões.

As influências dos anos formativos passam a ser caminho a não se seguir quando da busca de saberes sobre quem somos e onde estamos. Ainda que abundem os registros de rejeição ao método e conteúdo fenomenológicos proferidos por Foucault, notadamente em suas entrevistas, resta como pano de fundo a retenção do espírito do projeto fenomenológico numa envergadura e intensidade a ser investigada em momentos outros, por ultrapassar os objetivos dessas reflexões.

Os dois trabalhos fenomenológicos iniciais de Foucault, *Phénoménologie et psychologie* (2021) e *Binswanger et l'analyse existentielle* (2021) dizem respeito ao campo da psicologia fenomenológica, provocados, sobretudo, pelo encontro com Binswanger, psicólogo existencial-fenomenológico de fortes raízes husserliana-heideggerianas, e sua obra *O sonho e a existência*. Circunstancialmente, Foucault havia recebido o diploma em psicologia, licenciando-o ao trabalho em hospitais psiquiátricos, o que certamente possibilitou o advento de boa parte de suas obras voltadas para a dimensão dos afetos humanos malogrados, em seus contextos históricos, sociais e políticos. O caminho tomado não se deu pela via transcendental husserliana, mas pela versão existencial empreendida por Sartre e Merleau-Ponty, concentrada no sujeito da experiência, no ser vivencial.

Impulsionado pelos psicólogos fenomenólogos, Foucault se contrapõe ao reducionismo na psicologia e pela via desse argumento, rejeita com a mesma ênfase essa fenomenologia outrora tão inspiradora, por sua limitada valorização das questões sociais e históricas como estruturantes das possibilidades humanas. Enquanto para Husserl o sujeito é traído, o Foucault da maturidade atribui ao sujeito a traição.

Em seu trabalho em que se volta para a obra de Binswanger, “Sonho e existência”, Foucault inicia por definir fenomenologicamente a condição humana, nos seguintes termos: “[...] o ser humano (*Menschsein*) não é nada além do conteúdo atual e concreto que a ontologia analisa como a estrutura transcendental do *Dasein*, da *presença-para-o-mundo*” (1984-1985, p. 32)

O que se encontra perfeitamente coerente com a descrição contida na analítica existencial de Heidegger, como modelo para compreender o humano, ainda que sem o direto enfrentamento da questão sobre o ser. Foucault como Sartre e Merleau-Ponty anunciam um humano a ser considerado em seu conteúdo atual e concreto. O que de fato revela a condição humana é seu vivido, tal como vivido e tal como passível de ser tornado consciente. Importa o que se encontra à frente, o que aponta para uma psicologia epidérmica, no lugar dos procedimentos voltados para o profundo. Assim, os conteúdos manifestos da vida tornam-se prioritários na

investigação, em detrimento das estruturas latentes, e é nesse sentido que a fenomenologia surge como caminho propiciador de tais investigação com tamanhas pretensões. Abordagem compreensiva-descritiva, apriorística, portanto, e não mais meramente explicativa das ocorrências comportamentais.

O *Zeitgeist* da fenomenologia francesa à época do jovem Foucault

A via privilegiada para se conhecer a natureza da mundanidade do mundo em seu momento vivencial, em confluência com existências entrelaçadas inter-subjetivamente, só pedira se dar, segundo Husserl, voltando-se para as coisas mesmas, a saber, para a natureza dos sujeitos experienciantes. Segundo sua orientação metodológica, o sujeito de que se fala não é aquele que se encontra na esfera empírica, tampouco segundo o formato de um eu em sua ipseidade ilhada. Ao contrário, o que se chamou virada transcendental justamente aponta não para uma subjetividade compreendida como atividades internas, ocorridas na centralidade da pessoa, mas na confluência entre organismo e mundo, nos momentos perceptivos e cognitivos, noético-noemáticos, onde se faz possível o advento da consciência que é intencional, que se dá sempre enquanto consciência de alguma coisa, numa arquitetura em movimento, na forma de verbo, processo, não mais como predicamento egocêntrico como fora tratada ao longo da tradição filosófica.

Trata-se, pois, de uma concepção fenomenológica de subjetividade passível de tornar-se consciente de si, um sujeito sem pessoa, pulsando em decorrência do manancial de experiências e experimentações. Se assim considerado, então até se poderia atribuir à fenomenologia transcendental o estar focada na subjetividade, tal como amiúde é reconhecida e anunciada. Consideremos, adicionalmente, que assim como o mundo extra-psíquico é submetido à *epoché*¹, em concomitância com boa parte da dimensão subjetiva, e o que sobra é a fonte de toda experiência possível, o ego transcendental, que diante do fenômeno reduzido à sua essência, é intuído desde aquela instância de percepção.

Produzia-se naquele momento histórico europeu, notadamente em território francês, toda uma reflexão sobre a doença mental, que veio a desembocar na constituição da ciência psicopatológica, de base fenomenológica husserliana-heideggeriana, enquanto ciência independente e autônoma, uma vez superada sua fase da mera especialidade médica, assumindo para si a tarefa de descrever e compreender o universo nosológico tal como expresso nas idiosincrasias da mente, suscitado em manifestações comportamentais e afetivas fora do espectro da mediania do que se expectava constituir os modos típicos do ser dos humanos, tal como descritos na analítica existencial do *Dasein*², através de seus Existenciais³.

¹ Termo grego que significa suspensão ou interrupção. Na obra de Edmund Husserl, a *epoché* refere-se ao ato de suspender o juízo sobre a existência do mundo externo e as crenças prévias que temos sobre ele. Essa estratégia metodológica permite que o filósofo examine as experiências imediatas da consciência, sem preconceitos ou pressuposições, propiciando além da suspensão do juízo, o foco na experiência, a redução fenomenológica, a compreensão do vivido ocorrido no âmbito da experiência humana.

² Construto proposto por Martin Heidegger para se referir ao humano, de difícil tradução para outras línguas, o que em mais das vezes decide-se pela preservação do termo, sem equivalentes, ou se o traduz, como fizeram os francófonos para *être-là*, às vezes *être-le-là*; ou os anglo-saxônicos para *being-there*; ou ainda, como no Brasil, ora *Dasein*, ora *pre-sença*. De qualquer modo, trata-se de uma referência ao humano em sua existencialidade, cujo ser se caracteriza por escapar a si mesmo, deslocando-se para um aí, onde busca refugiar-se no impessoal. Assim, *Dasein* é o ente que em seu ser se encontra espacialmente aí, sendo este que está sendo o que é.

³ Assim como se nomeiam os entes através de categorias que correspondem à sua identificação, os modos de ser do *Dasein* são compreendidos e descritos através de existenciais, tais como ser-no-mundo, ser-para-a-morte, compreensão, etc. em consequência do fato de que o ser não poderia ser confundido com o ente, tal como equivocadamente anunciado ao longo da tradição filosófica, em sua vertente metafísica.

Em paralelo a esses esforços magistrais, era desenvolvida a *Daseinsanalyse* pelas mãos de Ludwig Binswanger, como perspectiva psicoterápica de aplicação prática em prol da mitigação do sofrimento humano. Tal momento histórico de fundação tanto de uma nova ciência quanto de uma potente abordagem psicoterápica em diálogo com a fenomenologia, respeitados seus aspectos metodológicos e compreensivos da existência, fez-se paradigmaticamente marcado pelo lançamento da obra *Psicopatologia geral* de Karl Jaspers (1979), tornada pública como roteiro às práticas psiquiátricas e psicológicas voltadas para o enfrentamento das doenças mentais.

A abordagem psicoterápica estruturada desde Binswanger, prosseguida por Medard Boss e autores inspirados nessa vertente filosófica, tais como Eugène Minkowski, Kimura Bin, Erwin Strauss, Von Gebattel, repercutiram significativamente no jovem Foucault enquanto ambiência do *Zeitgeist* que se respirava no meio intelectual. A partir de sua fundação, a psicopatologia seria uma ciência a dialogar com a psicologia, medicina, filosofia, propiciando uma compreensão nosológica dos afetos tidos como “anormais”, ou mais apropriadamente, como aquilo que destoasse do que se esperava encontrar na maioria das vezes em meio ao vivido intersubjetivo, estruturado em comunidades humanas cultural e historicamente delimitadas.

À *Daseinsanalyse*, a tarefa de instrumentalizar os procedimentos clínicos da psicoterapia, em que se buscava a assunção do ser de cada um enquanto seu, numa espécie de retorno do estar perdido no meio do nós, para o aconchego do ser próprio. De tanto permanecer no modo impróprio, (e assim se dá na maioria das vezes numa cotidianidade mediana), compreendido como o lugar de estar como se seu ser não fora seu, o *Dasein* se perde na tirania do nós em que todo mundo é todo mundo e ninguém é ninguém, sujeito a uma queda que o instala na angústia. Esta, por sua vez, haverá de produzir um clamor na forma de uma consciência interna que arranca o *Dasein* do meio do barulho em que se encontrava perdido, absorto na tagarelice, a partir da força de seu silêncio, para que assuma em si o ser que é seu, num movimento de retomada da propriedade do ser do seu estar sendo, impulsionado pela decisão assumida em promover esse salto sobre si mesmo.

À psicopatologia fenomenológica, portadora de uma nova reflexão sobre a doença mental, a missão de organizar os vividos em suas categorizações e tipologias possíveis. Nesta, se buscou compreender a experiência subjetiva, ultrapassando a mera descrição de sintomas, enaltecendo a importância de entender os significados das experiências vivenciadas pelos sujeitos em seus determinados campos existenciais. O caminho ali se dava seguindo-se as etapas da compreensão subjetiva, em que se considera o modo como cada pessoa percebe e interpreta suas experiências afetivas.

Metodologicamente, *pari passo* com os preceitos fenomenológicos, buscava-se a descrição do fenômeno, a partir das narrativas daquele que se pretendia compreender em seus aspectos vivenciais, com a necessária suspensão de todos os saberes prévios que pudesse intervir para dificultar o contato com a coisa mesma; desembocando com a intuição das essências das coisas que são enquanto são, em seu caráter ontológico.

Elaborava-se a diferenciação das afetações, em que sintomas e experiências deveriam ser classificados e categorizados com vistas a possibilitar a compreensão das condições do funcionamento psíquico no intrincado existencial, com consequente elaboração diagnóstica cada vez mais precisa e hábil a fornecer caminhos de superação dos impasses. Tudo isso num contexto em que dimensões biológicas e psicológicas precisavam ser consideradas a partir da ambiência social em que se encontravam as pessoas em sofrimento. Em suma, toda construção do conhecimento relativo à doença mental deveria ter como base de compreensão, a experiência pessoal e não mais segundo uma justaposição diagnóstica meramente descritiva de ocorrências sintomáticas e mórbidas. As singularidades passaram a ser levadas em conta e valorizadas em toda sua extensão.

A abordagem *daseinsanalítica*, por seu turno, compreende a experiência humana em sua totalidade, tomando como parâmetro a complexidade da existência enquanto fenômeno único. Seus objetivos incluem a compreensão da existência, a autenticidade, as relações intersubjetivas, a lida com a angústia, a busca do significado das vivências, exploração da temporalidade, experiência do ser, integração de saberes, entendimento mais profundo de si mesmo e exploração de questões existenciais, de maneira cada vez mais significativa e compreensivamente elaboradas.

As ocorrências geradoras de sofrimento em meio à existência cotidiana eram entendidas como modos típicos de ser do *Dasein*, ainda que de forma malograda, transpondo as fronteiras do que seria existencialmente esperado, o que demandava a necessidade de construção de uma eficaz compreensão de suas estruturas arqueológicas, de forma a possibilitar a articulação de estratégias de intervenção clínica tendo como premissa, o prognóstico de retorno do assistido aos modos típicos de seu ser, considerada a mediania do constatável no mundo-da-vida.

Compreendia-se que o sofrimento humano deve ser concebido como condição existencial, perspectiva que encontrava eco não somente na fenomenologia e suas consequências regionais, mas também na perspectiva psicanalítica freudiana (2010), no pensamento filosófico de Kierkegaard (2024), nas descrições heideggerianas, prioritariamente decorrentes da análise existencial do *Dasein*, presente na obra *Ser e tempo* (2015).

O sofrimento objeto de compreensão se refere, por um lado, àquela dimensão de dor que faz pulsar em forma de angústia, com suficiente força para produzir uma decisão impulsivada a partir de uma voz interior⁴ a ser escutada em meio ao barulho da tagarelice do impessoal, na direção da retomada do “ser que é sempre meu”, e seu consequente pastoreio. Quanto a este sofrimento, dever-se-ia recebê-lo do tamanho que fosse, concebido como possibilidade de compreensão de si, a depender da disposição de se o investigar na busca do desvelamento de sua dinâmica psíquica.

De modo complementar, o sofrimento cuja dimensão de dor se inscrevia numa esfera ôntica, não exatamente concernida em seu caráter ontológico, passou a ser objeto privilegiado de investigação por psicólogos e psiquiatras que inspirados na fenomenologia enquanto método ou enquanto psicologia, entendiam a necessidade de intervenção mitigadora de sofrimento, realizada através de medicalização e terapêutica, além de elaboração psicoterápica de seus conteúdos com vistas à transmutação de seus espectros, segundo as mais variadas abordagens clínicas, realizados a partir da compreensão obtida.

Husserl sempre defendeu a perspectiva de que para se compreender a natureza do mundo experienciado, é necessário voltar-se para a natureza do sujeito da experiência, seguindo o espírito do seu método que é o de “voltar às coisas mesmas”, superando a atitude naturalista e assumindo uma atitude suspensiva. O sujeito da experiência nessa perspectiva não é empírico. Não é um eu particular situado em um ambiente ou contexto particular. Na fenomenologia, a virada transcendental não é uma virada para a subjetividade, compreendida esta como atividade, experiência interna de uma dada pessoa. Trata-se de uma subjetividade impessoal. Fonte da experiência, em vez de atividade interna de uma pessoa particular, defesa que facilmente induz à equivocada (ou no mínimo desproporcional) ideia de uma centralidade subjetivista.

O mundo dito exterior é posto entre parêntesis do mesmo modo que a particularidade de uma dada subjetividade. Sujeito e mundo são postos sob suspeição, co-originariamente, necessitando serem submetidos a sucessivas reduções que levariam ambos os polos à condição de sujeito transcendental puro e essência dos fenômenos que adveio à percepção. A

⁴ Uma espécie de *Daimon* socrático.

subjetividade que resta, após ter sido reduzida à sua condição de pura transcendente, se faz fonte de toda a experiência possível, assim denominado o ego transcendental.

À medida que a fenomenologia ganhava contornos franceses, preocupada em compreender a condição existencial humana, a vertente transcendental husserliana que mais se atém ao método de se fazer ciência e filosofia é foracluído e em seu lugar, se alarga a perspectiva psicológica de cunho existencialista aportada, sobretudo, por Sartre e Merleau-Ponty, numa clara e anunciada rejeição à virada transcendental. Com estes, a fenomenologia é um estudo existencial, assim como repercutiu em Foucault, ainda que seu desenvolvimento tenha seguido diferentes caminhos, haverá sempre de repercutir as sombras do acontecimento fenomenológico exportado desde a Alemanha, como uma espécie de pano de cauda do cometa.

Parte da razão da inflexão em direção à psicologia fenomenológica se dá pelo fato de que o sujeito da experiência não poderia ser posto entre parêntese, uma vez submetido à *epoché* e reduções subsequentes, para que em decorrência se chegasse, como pretensão husserliana, a uma subjetividade transcendental pura, esse lugar tão improvável quanto inatingível. A respeito dessa impossibilidade metodológica, tornou-se corrente o dito merleau-pontyano (2018) quando no dia que a lição mais importante que a redução nos ensinou foi a impossibilidade de uma redução. Nesse sentido, embora jamais se atinja essa condição de pureza, tal passo do método não poderia ser abandonado de todo. Seu destino, então, passou de meta a se atingir a lugar desejável de se chegar, sabendo-se a priori que sempre se haverá de estar a caminho de.

Com o intuito de aproximar a natureza a uma experiência compreensiva, seria necessário oferecer uma caracterização descritiva da experiência corporificada de sujeitos particulares que com ela se imiscuíram, afinal, os acontecimentos pré-cognitivos, perceptivos, tornados posteriormente passíveis de um saber sobre sua quididade sempre haveriam de exigir um *locus* de acontecimento, e este se dá na confluência das inter-subjetividades encarnadas de humanos concretos e históricos. Logo, a reflexão fenomenológica exige a passagem em paralelo com os estudos do psicológico.

Desejoso da construção de uma psicologia fenomenológica, Husserl dedica vários escritos em que delimita o que pode ser uma psicologia fenomenológica. Para tanto, entre os anos 1925 e 1928, Edmund Husserl elaborou uma série de reflexões acerca do que deveria ser uma psicologia fenomenológica e sua relação com a fenomenologia transcendental, presentes na *Husserliana IX*, com o título de (*Phänomenologische Psychologie*), *Psychologie phénoménologique* (2001). Esses escritos são partes constitutivas das preleções do semestre de verão de 1925, somados à quarta e última versão do artigo destinado à Enciclopédia Britânica, as Conferências de Amsterdam e, adicionalmente, alguns apêndices bastante ilustrativos do que ficara amplamente concebido como a Psicologia Fenomenológica.

São, desse modo, o projeto das Preleções de 1925, intitulado de Psicologia Fenomenológica; o artigo destinado à Enciclopédia Britânica e a Conferência de Amsterdam, e os apêndices que ordenam e declaram, em definitivo, o projeto explícito de uma psicologia que se paute pelos preceitos metodológicos da fenomenologia, com todas as características e consequências daí advindas. É somente nesse entorno que, sistematicamente, se explicita a relação que a psicologia guarda com as outras ciências e com a fenomenologia transcendental, fazendo advir os meandros de uma psicologia fenomenológica.

Todos esses textos são do mais alto interesse para uma reflexão epistemológica em si, e situam perfeitamente a ambiência em que o jovem Foucault se inquietava em suas reflexões que o levariam mais tarde a tornar-se o filósofo que se tornou. Por um lado, a Psicologia Fenomenológica oferecia um campo fértil de pesquisas tal como evidenciado nos trabalhos de Sartre, Merleau-Ponty, Binswanger; por outro lado, estabelece a pertinência de uma psico-feno-

menologia no seio dos debates sobre a naturalização, que animam as ciências cognitivas contemporâneas, o que requeria um eterno retorno à abertura husserliana.

Nesse sentido, para além dos percalços históricos que se naturalizaram denominar as abordagens psicoterápicas humanistas em psicologia subsequentes como se tivessem sido constituídas a partir do método fenomenológico, faz-se necessário um retorno à explicitação das condições de possibilidade apontadas ao longo das reflexões husserlianas, para que legitimamente se possam evidenciar as aproximações e distanciamentos entre aquelas abordagens, o método fenomenológico de constituição de ciências do espírito e as veredas e caminhos empreendidas por Foucault a partir de então, tanto em sua juventude, quanto em lampejos ao longo de sua obra.

Nos escritos voltados para a construção de uma esperada e desejada psicologia fenomenológica, Husserl se perguntava quais seriam as condições de determinação de uma psicologia assentada a partir desses preceitos metodológicos. Como elemento imprescindível, há de se aceitar a ideia de intencionalidade da consciência, o que passou a ser critério necessário, mas não suficiente. Tornou-se imperioso a assunção de procedimento da redução transcendental que conduzia à redução psicológica, num contexto em que a naturalização da psicologia animava o seio das discussões das ciências cognitivas, Husserl se contrapunha ao naturalismo reinante até os dias de então. Seu anúncio do que deveria ser uma psicologia fenomenológica finalmente é expressa nos termos a seguir.

Uma psicologia para ser de fato fenomenológica precisaria assumir os seguintes elementos constitutivos:

1. Possuir um caráter apriorístico, no sentido de que visa essências, pela via do retorno às coisas mesmas, respeitado o contato ingênuo com o mundo, ao modo de um momento pré-cognitivo, antes que se tenha conhecimento consciente do acontecimento, mas já constituído enquanto tal. A explicação da vivência viria no segundo momento, após realizados esses trâmites.
2. Intuição das essências, apreendida no momento da percepção dos afetos vividos pelo espírito, e descrição de seus momentos constitutivos.
3. Intencionalidade como característica da consciência que deixa de ser substantivo para se tornar verbo, processo, ação que flui na direção dos fenômenos que aparecem em um de seus ínfimos modos de aparecimento.
4. Atitude transcendental, em superação à atitude natural em que nos encontramos cotidianamente no mundo empírico, seguida da redução psicológica.
5. Da mesma maneira, a teoria pura da essência do espiritual, do psíquico do indivíduo, como do psíquico da comunidade, e das obras da comunidade, é ao mesmo tempo um conhecimento de mundo à luz da espiritualidade que de fato está surgindo nele.
6. Por fim, Husserl apresenta uma chamada de atenção ao dizer que nós estamos naturalmente inclinados a conceber a ciência apriorística em geral como semelhante de alguma forma à matemática, e, pois, a psicologia como uma matemática do espírito, mas o domínio psíquico é precisamente de um outro gênero de essência, ele possui uma multiplicidade de visões eidéticas imediatas, que estão em constante crescimento a análise e que não se saberia jamais limitar, e a simples intuição imediata fornece já aí uma ciência absolutamente sem fronteiras, um a priori intuitivo e descritivo e é ele que está sobretudo em questão para nós.

Na rejeição que os franceses empreenderam contra a virada transcendental, produziu-se uma guinada existencial, o que veio a reduzir a distância entre epistemologia e ontologia existente entre fenomenologia e psicologia. Prosseguem, assim, na ênfase de que não há como separar os estudos fenomenológicos das especulações psicológicas. É necessário que o vivido corporalmente dos sujeitos em particular seja caracterizado e descrito em suas experiências singulares. O trabalho de Foucault se encontra justo na confluência dessa dupla tarefa, defendida sobretudo na filosofia merleau-pontyana. Nesse sentido, sua produção se caracteriza como uma introdução apresentada por alguém de orientação fenomenológica a um ensaio de psicologia existencial fenomenológica.

A crítica de Husserl às ciências europeias, todas elas assentadas em preceitos positivos, ciências de meros fatos inaugurou sua fase denominada crise, por sua tendência objetificante, e sua dimensão explicativa. Relativamente às questões do espírito, se faziam necessárias filosofias e ciências compreensivas que viessem a dar conta da dimensão humana, não passível de objetificação, levando sempre em consideração as ocorrências vivenciais desencadeadas no instante do *mundo-da-vida* humano, solo privilegiado para a constituição do conhecimento iniciado na percepção. Não se poderia mais permitir o negligenciamento desta dimensão perceptiva e cognoscível, instância de desaguamento da existência onde se pratica a experimentação vivencial. Somente na vivência seguida do saber da vivência, devidamente alçada a uma dada consciência do mundo, se faz possível o advento da verdadeira ciência. Toda ciência deveria emergir a partir do emaranhado *mundo-da-vida*, em seu caráter pré-cognitivo, onde se enraíza e de onde brota.

Na perspectiva de Heidegger, todo o problema tanto da filosofia quanto das ciências é decorrente do esquecimento do ser que se estruturou ao longo da tradição filosófica, por preconceitos plantados pela própria ontologia que bem ao contrário, deveria tomá-lo para si como questão primordial. Heidegger denunciou o esquecimento do ser, identificando na própria pergunta que se elaborou em torno da tentativa de sua elucidação, o equívoco de se buscar a qualidade e não o seu sentido e significado. Em dado momento histórico, o ser e entre foram confundidos e tomados um pelo outro, o que reduzia as possibilidades de construção do conhecimento a um mero aparecimento, uma vez que sem ultrapassar as questões ônticas, não se perscrutaria a dimensão ontológica das coisas. Ofuscado pela tecnologia e prioridade do fenômeno, esqueceu-se de perguntar sobre o sentido do ser, justo esta que deveria ter permanecido a pergunta fundamental da filosofia. À medida que se reduz a experiência do mundo a preceitos matemáticos, a essência do mundo vivido em sua experimentação é desastrosamente subtraído.

Tomado por tais ambiências filosóficas, Binswanger e todos os que compuseram em maior ou menor grau o desenvolvimento da psicologia fenomenológica buscaram restaurar o dar-se conta de si, através da condição de possibilidade criada para que se produzissem os estados de awareness, ou um saber da experiência decorrente da compreensão da dinâmica da mente e expressão de seus comportamentos. Contrários à ideia de uma psicologia natural, que reduz a condição humana a entes da manualidade, partem do impulso fenomenológico para realizar o mergulho na própria experiência humana, logrado ou malogrado, lançando mão de uma perspectiva descritiva, no lugar de buscas de porquês que no máximo explicam, mas não conduzem à necessária compreensão dos afetos em suas idiossincrasias.

Em síntese a esses posicionamentos, encontra-se afirmação como esta a seguir proferida por Binswanger:

Nesse contexto, não dizemos: as doenças mentais são enfermidades do cérebro (o que, é claro, elas continuam sendo, de um ponto de vista médico-clínico). Mas dizemos: nas

doenças mentais enfrentamos modificações da estrutura fundamental ou essencial e dos vínculos estruturais do ser-no-mundo como transcendência (1958, p. 194).

O caráter ontológico humano não é passível de explicação, através de categorizações e nomeações científicas dos afetos. Sua essência deve se dar a conhecer pela via compreensiva, efetivada por meio de descrição e observação complexa. Busca-se por esse caminho apreender o mundo tal como vivido por sujeitos reais e concretos, e não simplesmente em sua justaposição a diagnósticos engessados.

Conclusões

A título de palavras derradeiras, o que se pretendeu apresentar nesse escrito, era a ambiência em que se desenvolveu a fenomenologia husserliana/heideggeriana em solo francês, e suas instigações recaídas sobre toda uma geração de intelectuais que a partir do século passado, reproduziu caminhos, construiu tantos novos outros, contribuiu para a estruturação e reestruturação de ciências humanas outrora estranguladas na insuficiência do método positivista e sua vertente funcionalista.

Ciências como a psicopatologia e psicologia fenomenológicas prosperaram e seguem a fazê-lo por vários caminhos exigidos pela intrincada teia da complexidade humana; filosofias que vieram a explorar a compreensão da existência, em todo seu espectro, pulularam em consequência daquele acontecimento que fomentou um espírito do tempo fértil em revoluções propiciadoras de novos saberes, de potentes críticas de caráter epistemológico, do anúncio da necessidade de se trilhar novos e inusitados caminhos, articulação de inéditas e viáveis reflexões sobre a condição humana e seus destinos.

Com olhar de sobrevoos na direção da obra magistral de Michel Foucault, é inequívoca sua filiação à fenomenologia em tempos de juventude, não exatamente àquela que tomou o rumo transcendentalista, tampouco a que se configurou na fase *Crise* de Husserl; nem a de caráter hermenêutico-ontológico de Heidegger, mas aquela que se enveredou para a pesquisa psicológica, desejosa de elaborar uma compreensão sobre a existência humana, ainda que sobejamente assentadas sobre o método husserliano e a ontologia heideggeriana. Tratar-se-ia, portanto, de uma aproximação enviesada? Com tal predominância no ambiente intelectual francês, em que se desejava ardentemente superar velhas estruturas acadêmicas, seria muito improvável não ser capturado pelas possibilidades e aberturas aportadas pela fenomenologia, tal como se desenvolvia à época. Tanto que as duas primeiras incursões do jovem psicólogo interessado nos meandros dos transtornos mentais circunscreveram-se justamente nesta seara do saber.

O que se afirma doravante, e em decorrência das razões expostas, é que os desenvolvimentos posteriores da obra de Foucault, ainda que em explícito anúncio contrário aos preceitos e método fenomenológicos, guardou um pano de fundo, uma espécie de ambiência husserl-heideggeriana, com perfume existencialista, sobretudo quando voltado para a compreensão da estética. Teria Foucault, em decorrência do completo rompimento com a intelectualidade francesa de base fenomenológica-marxista, pela necessidade de abrir veredas e incursionar na direção de seus novos e singulares caminhos, mantido alguns elementos da fenomenologia como parâmetro de reflexão, ainda que devidamente guardados como uma espécie de segredo de alcova? Sua ontologia do presente guardaria em seu bojo elementos advindos das empreitadas existencialistas de seus contemporâneos? A ideia de liberdade, engajamento, responsabilidade, tensão entre o possível e o impossível humano, a decisão,

não se constitui como caros elementos já presentes e explorados no âmbito do existencialismo fenomenológico?

Nenhuma dessas perguntas poderia ser elaborada com muita consistência, de modo a obter respostas definitivas. Foucault não se deixa tomar pelo braço em seus traçados. Portanto, muito mais que uma tentativa de enquadrá-lo em uma filiação epistemológica, o que mais importaria para estas reflexões era dar conta da esfera do quanto possivelmente haveria de premissas compartilhadas, de vozes vindas daquele além como elementos instigadores e propulsores de sua obra. Sua estética da existência, na medida em que busca dar conta do momento vivido, e de tantos outros vieses caro ao existencialismo francês não teriam subvertido os diques interpostos por Foucault e de algum modo feito desaguar mananciais em seu pensar revelado, em alguma medida, nas suas incursões pós-fenomenológicas?

Para tentar responder a todas essas indagações, resta ouvir com minúcias analíticas as entrevistas e escritos de Foucault que testemunham seus ditos, não-ditos e nada-dito, para finalmente comparar com os preceitos e conceitos fundamentais da psicologia fenomenológica, da fenomenologia transcendental, do existencialismo francês. Mas essa tarefa fica anunciada a posterior empreitada

Referências

BINSWANGER, Ludwig. The existential analysis school of thought. In: MAY, Rollo *et al.* *Existence: a new dimension in psychiatry and psychology*. New York: Basic Books, 1958.

FOUCAULT, Michel. *Binswanger et l'analyse existentielle*. Paris: Gallimard; Seuil, 2021a.

FOUCAULT, Michel. *Critical Theory/Intellectual history*. Entrevista com Gerard Raulet. In: *Politics, philosophy, culture: interviews and others writings*. 1977-1984. New York: Routledge, 1988.

FOUCAULT, Michel. Dream, imagination, and existence: an introduction to Ludwig Binswanger "dream and existence" *Review of existential psychology and psychiatry*, London, v 19, n 1, p. 29-85, 1984-1985.

FOUCAULT, Michel. *Phénoménologie et psychologie*. Paris: Gallimard; Seuil, 2021b.

FOUCAULT, Michel. The return of morality. In: LOTRINGER, Sylvère (Ed.). *Foucault live*. Trad. by John Johnston. New York: Semiotex(e), 1989.

FREUD, Sigmund. *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos*. 1930-1936. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas*. Precedido de conferências de Paris. Lisboa: Edições 70, 2024.

HUSSERL, Edmund. *Psychologie Phénoménologique* (1925-1928). Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2001.

JASPERS, Karl. *Psicopatologia geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

KIERKEGAARD, Soren. *Conceito da angústia*. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: WMF Martins Fontes, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. London: Routledge and Kegan Paul, 1962.

Sobre o autor

José Olinda Braga

Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenador do Núcleo de Psicologia Clínica (NUPLIC). Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutorado pela Universidade de Lille (França) e pela Pontifícia Universidade de Campinas (PUC-Campinas).

Recebido em: 20/04/2025
Aprovado em: 20/06/2025

Received in: 04/20/2025
Approved in: 06/20/2025